



Nos meandros da memória. Tensões e contensões do brincar

***En los meandros de la memoria. Tensiones y
contenciones del juego***

***In the meanders of memory. Tensions and
contentions of play***

Marcos Rizolli

*Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, Brasil.
marcos.rizolli@mackenzie.br*

Resumo

A memória da infância, quase sempre, reivindica lembranças leves, ingênuas e descompromissadas. No cenário em que estamos, a mente adulta – quase idosa – foi interpelada pela voz do menino para performar um giro memorial, num convite para rever as camadas do meu tempo. Então, com a minha arte, foram produzidos desenhos em grafite e sépia sobre papel (com posterior tratamento digital) com o intuito de produzir uma imagética diegese. Como talvez gostaria Warburg, criei um pequeno atlas do brincar para, de algum modo, responder aquilo que teria indagado Didi-Huberman: o que são as emoções?

Palavras-Chave: Brincar. Brinquedos. Infância.

Resumen

El recuerdo de la infancia, casi siempre, reclama recuerdos ligeros, ingenuos y descomprometidos. En el escenario que nos encontramos, la mente adulta – casi anciana – fue interpelada por la voz del niño a realizar un recorrido conmemorativo, en una invitación a revisar las capas de mi tiempo. Entonces, con mi arte, se produjeron dibujos en grafito y sepia sobre papel (con posterior tratamiento digital) para producir una imagería diegética. Como tal vez le gustaría a Warburg, creé un pequeño atlas del juego para, de alguna manera, responder a lo que Didi-Huberman habría preguntado: ¿qué son las emociones?

Palabras-Clave: Jugar. Juguetes. Infancia.

Abstract

The memory of childhood, almost always, claims light, naive and uncommitted memories. In the scenario we are, the adult mind – almost elderly – was challenged by the boy's voice to perform a memorial tour, in an invitation to review the layers of my time. So, with my art, drawings were produced in graphite and sepia on paper (with subsequent digital treatment) to produce a diegetic imagery. As maybe Warburg would like, I created a small atlas of playing to, in some way, answer what Didi-Huberman would have asked: what are emotions?

Keywords: Play. Toys. Childhood.

EM BUSCA DE UM PENSAMENTO LEVE.

O tempo tenta sequestrar o meu sorriso, mas resisto como uma criança...
(LISPECTOR, 1978, 39)

Quase sempre pensamos na infância como um tempo lúdico, em que o brincar supera as demais experiências – a convivência com a família, a iniciação religiosa, as vivências escolares e o trabalho ainda num horizonte distante. Tempo de afetos, sem amores.

Provocado pela chamada ARA, tensão e contensão, eu me percebi revendo meus tempos de moleque, simplesmente vividos na ingenuidade interiorana dos anos 1960, com sutil avanço dos 70.

Contudo, hoje, me atento aos meandros da memória e percebo que o brincar não era exatamente leve. A vivência lúdica, contraditoriamente, sempre esteve mediada por tensões e contensões.

Penso, aqui, nas brincadeiras mediadas por brinquedos tradicionais, de materialidades rústicas, muitos deles produzidos por meu avô paterno – para mim,

um imaginário mago da marcenaria artesanal. Penso, também, no desenho, outra experiência lúdica da qual minha infância se ocupou, que nada mais é do que um procedimento de esfregação (tensão ou contensão?) entre o grafite e o papel.

Assim, tentando estabelecer uma simbólica convergência entre brincadeiras-brinquedos e desenhos, pretendo apresentar imagens digitais, inspiradas em grafismos manuais, como configurações da memória – resgatadas do inexorável processo de apagamento.

Pião de madeira, bolinha de gude, peteca, pipa (ou maranhão, como chamávamos), pula corda, bola de pano, estilingue e cama de gato formam o meu imagético território do brincar.

Curioso que esses brinquedos, brincantes em minha memória, exigem regras de ativação. Adulto, afirmaria que exigem protocolos que evidenciam intensas operações corporais e mentais de tensão e contensão!

Vejamos:



Figura 1: Marcos Rizolli, *Piã de Madeira*, desenho, 2022.

Roda Pião. As tensões vórticas!

O objeto “em pêra”, contido na mão direita (sim, sou canhoto), reconhece o ajuste transversal do barbante de algodão (necessariamente) e o apertado e rigoroso movimento giratório da linha que reveste a volumetria do brinquedo. Ato contínuo, um estado de intensa atenção deverá projetar o bólido no espaço descendente, que tem como meta o toque da ponta de metal com o chão. Então, em desconcertante equilíbrio, inicia-se a performance.

O exercício é tenso: colocar o pião em giro exige destreza e, mais do que tudo, concentração. O sucessivo prazer está no elegante movimento em vórtice.



Figura 2: Marcos Rizolli, *Bolinha de gude*, desenho, 2022.

A propulsão unguar! O bate-rebate da bolinha de gude.

Delicadamente, a palma da mão deve planificar o chão de terra batida. Há, nesse ato, algo de muito sensorial. Deve-se, ainda, preparar a métrica do chão, com a adição de pequenas e circulares depressões – visando os estratégicos encaixes das bolinhas de gude. Essas, por sua vez, diminutas, esfericamente perfeitas, coloridas e translúcidas.

Brincar, aqui, pressupõe a dinâmica do chão: agachamentos, torções corporais, as articulações dos joelhos e, mais do que tudo, a eficiência da mira (a tática do olhar que comanda, com cúmplice precisão, o movimento das pontas dos dedos). E as unhas, como aparatos de jogo, engatilham a rolagem das esferas, em busca do centro. Soma-se a isso, o tilintar do vidro, compacto e frágil, ao mesmo tempo.



Figura 3: Marcos Rizolli, *Peteca*, desenho, 2022.

Bate na palma da mão! O voo da peteca.

Às vezes, a perceptível ardência na palma da mão, evidencia o tamanho esforço para arremessar a peteca para o mais alto e o mais longe possível. Aquele brinquedo que mais parece uma ave pernalta, de feitiço grotesco, que perfaz uma almofadinha de pano ou couro sintético coroada por alguns pares ou ímpares de penas artificialmente coloridas.

Os corpos esticados, de braços levantados e mãos continuamente espalmadas, buscam a mais duradoura suspensão do objeto-brinquedo. O ir e vir aéreo torna-se um elogio à leveza. Num acordo tácito, os jogadores agem em comum acordo. Em equilíbrio, compartilham do mesmo protocolo.

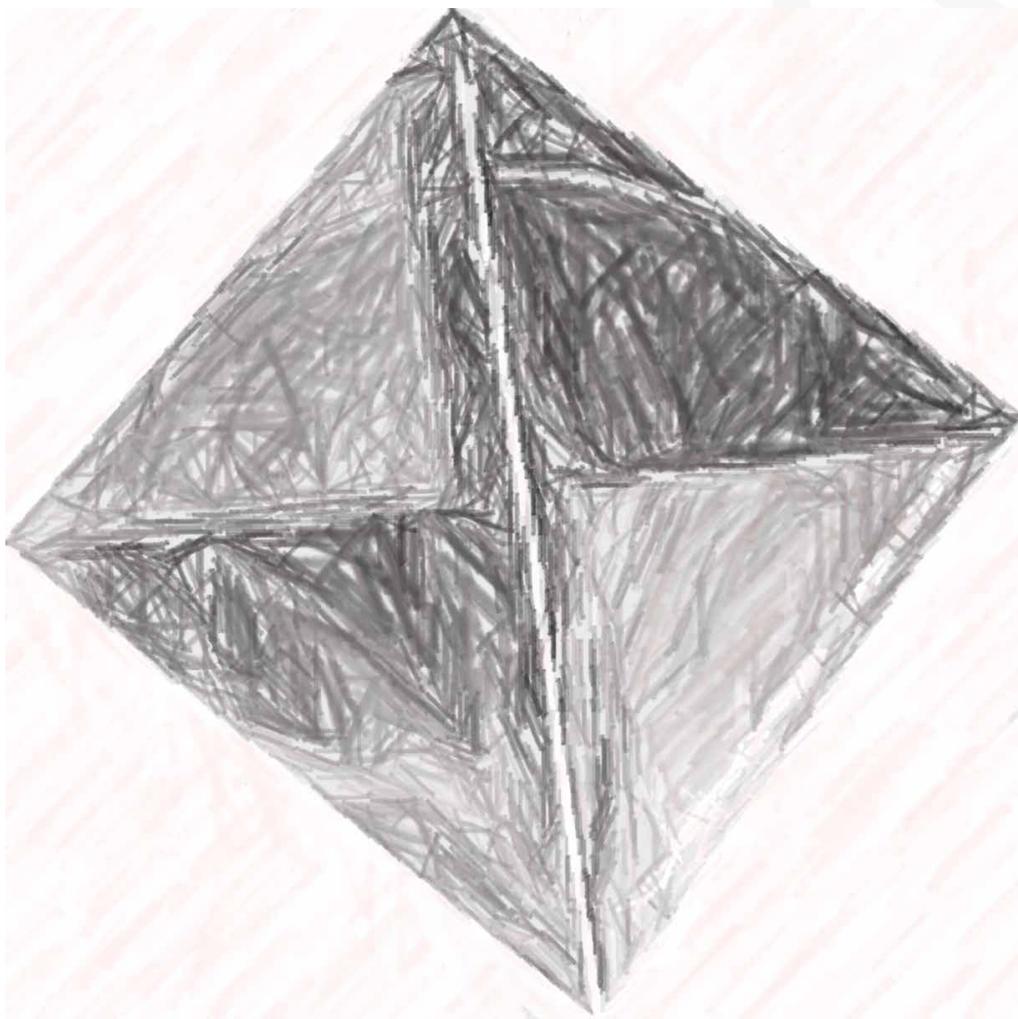


Figura 4: Marcos Rizolli, Pipa, desenho, 2022.

O voo elegante da pipa. Vamos dar linha!

Na infância, fui um exímio construtor de pipas – e adorava: a escolha da harmonia cromática; os recortes do papel de seda; o preparar perfilado das varetas de bambu; o processo de colagem; o arquear da estrutura com a linha *cordonê*; o acréscimo de barbatanas e calda.

Depois, ir à campo para empinar a pipa! Reconhecer o sentido dos ventos e dar linha. Provocar as repuxadas iniciais, em busca do justo acordo entre o brinquedo e o vento.

Provar o domínio controlado do processo. Maravilhar-se com o voo. Encantar-se com o distanciamento – emoldurado pelo azul do céu. Provar, também, a tensão propiciada pelo jogo de sustentação/suspensão. Sentir na carretilha e nas mãos, a potência do brincar. Olhar para o alto e exercer o sonho infantil (tornado real) de dominar os ventos.



Figura 5: Marcos Rizolli, Pula Corda, desenho, 2022.

Viver o ritmo! Hora de pular corda.

O salto compassado requer tensão e contensão absolutas. O controle está nas mãos de terceiros. O protagonista da brincadeira apresenta-se vulnerável, submetido ao elíptico desenho da corda no espaço. Um protocolo que exige cumplicidade entre os

pares, ao desafiar o processo de aceleração do movimento – na expectativa de que se encontre um ritmo, que vai muito além dos compassos do coração.

Desprender os pés do chão é outra aventura! A dinâmica corporal deve estar em justo acordo com giro lancinante da corda. As batidas cortantes da corda no chão solicitam triplo protocolo de atenção: visual, sonoro, gestual. Enfim, a experiência de um quase transe.



Figura 6: Marcos Rizolli, *Bola de meia*, desenho, 2022.

Corre que lá vem queimada! A primitiva bola de meia.

Talvez, o mais *poor* entre os brinquedos infantis, a bola de meia apresenta-se como a grande protagonista do jogo de queimada – que congrega meninas e meninos – em inusitado desafio, numa ginástica coletiva de correrias, fugas do foco, e posturas corporais de defesa.

As crianças, espontaneamente divididas em times, arremessam a bola produzida a partir de meias velhas, descartadas pelas famílias. Apesar da sua precária constituição e de sua maleável aparência, a depender do grau de propulsão, quando projetada pelas mãos do adversário sobre os corpos contrários, pode doer – bem verdade, mais uma dor simbólica e constrangida. No campo de batalha, a ideia é fugir da dor (constrangida e simbólica) para não ser retirado do jogo.

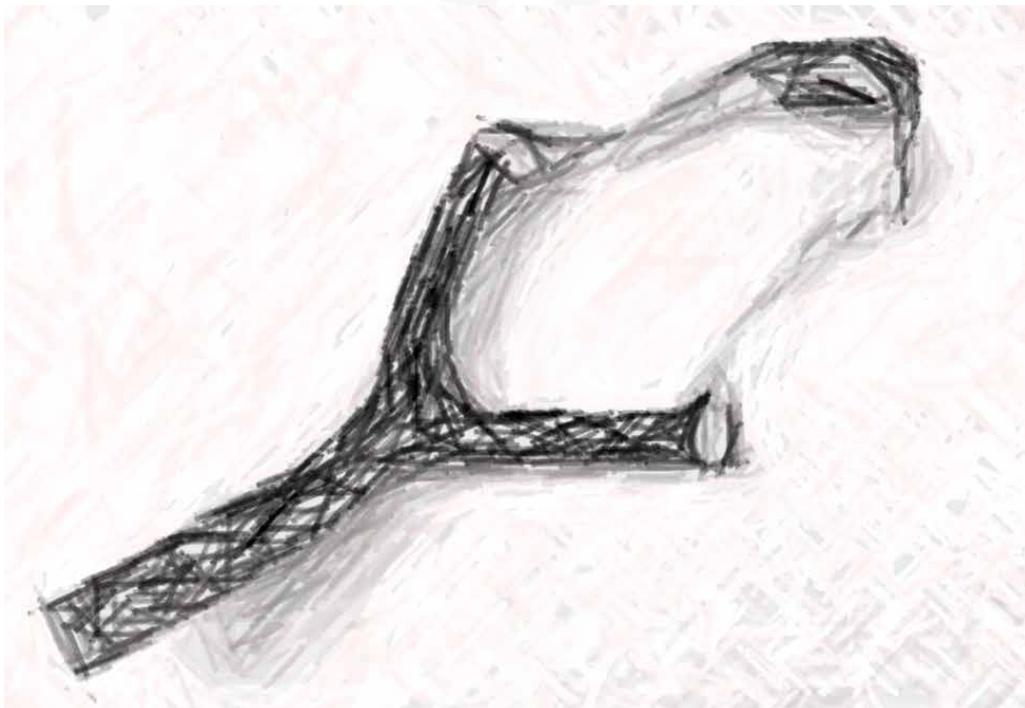


Figura 7: Marcos Rizolli, *Estilingue*, desenho, 2022.

Que o alvo não seja mais um pássaro ou uma janela. A tensão do estilingue!

Assim como contemplamos nas têmporas e mãos do Davi de Michelangelo, a brincadeira com estilingue é, sempre, um agudo exercício do olhar.

O ápice protocolar da visão expande-se ao tensionamento dos braços que espelham o esticar da borracha de câmara de ar dos pneus dos automóveis, devidamente amarradas num graveto em forquilha.

Assim como a pipa, o estilingue deve ser um brinquedo a ser produzido em casa, artesanalmente. A grande aventura é buscar o melhor graveto, o recortar as tiras e o retângulo de borracha, juntar as partes com barbante – para obter um tosco armamento. Devemos observar, ainda, a atenta prospecção de munição – através da escolha de pequenas pedras e escolher muito bem os possíveis alvos (recomenda-se o uso de latinhas vazias).



Figura 7: Marcos Rizolli, *Cama de gato*, desenho, 2022.

Atenção e sutileza! A arquitetura de barbantes da cama de gato.

Um jogo de meticulosa atenção, a cama de gato exige rigoroso protocolo de ação. A postura das mãos e a contensão dos dedos, garantem o exato emaranhado das linhas. O equilíbrio é exercido pela sequencialidade dos atos de sustentação de uma precária estrutura aérea. O passo-a-passo é sempre tenso.

A cama de gato exige, também, cumplicidade. Não ganha um jogador! Vencem, juntos, os pares: quanto maior for a variedade de lances e quanto mais complexas se tornarem as tênues estruturas melhor será a conquista do jogo. Como um caleidoscópio, a cama de gato arma concentricidades e excentricidades lineares.

ENCONTRO COM AS SUAVES TENSÕES E CONTENSÕES.

*Na medida em que nos afastamos das coisas e criamos espaço, pensamos.
(WARBURG, 2015, 160)*

Tal como a livre tradução do pensamento warburguiano, meus desenhos, tal como “imagens de paisagens outrora escondidas (...) sugerindo uma pausa para reflexão” (MELLO, 2022), traduzem as minhas lembranças de infância, já em processo de apagamento. A ideia de “traços da memória”, advinda de Marc Augé, provocou-me ao gesto gráfico – talvez, a busca de reminiscências, texturas das experiências do passado e do presente. Pensar o que restou – através de uma visualidade de traços rudes, de contornos figurais esgarçados.

Através dos desenhos, imaginar e compor uma narrativa que bem pudesse amalgamar sensações e emoções. Através dos desenhos, exercer deslocamentos para evitar apagamentos.

Na revisão de minha infância, como num jogo de luz e sombra, pude recuperar brincadeiras e brinquedos esquecidos. E, mais do que tudo, retomar seus protocolos: a atenção dos olhos, as ações cautelosas das mãos, o gesticular estratégico do corpo... revivendo, ainda que afetivamente, a potência da vida.

Afinal, como nos ensina Augé: o esquecimento é tão necessário quanto a memória. É preciso saber esquecer, não apenas para viver plenamente no presente, mas também para compreender o passado. O esquecimento se torna uma parte necessária da sobrevivência.

Em outra livre tradução, bem assim: “As memórias são trabalhadas pelo esquecimento como os contornos da costa são criados pelo mar”. (AUGÉ, 2004, 67)

BIBLIOGRAFIA CITADA

AUGÉ, Marc. *Oblivion*. Minneapolis: Minnesota University Press, 2004.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *O que são as emoções?* São Paulo: 34, 2016.

LISPECTOR, Clarice. *Um Sopro de Vida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

MELLO, R.L.S. *Excerto extraído da Chamada ARA 13*. São Paulo: FAU/USP, 2022.

Disponível em

<https://www.revistas.usp.br/revistaara/announcement/view/1418>. Acesso em 14 novembro 2022.

WARBURG, Aby. *Fragments sur l'expression*. Paris: l'Ecarquillé Lotta, 2015.